

---

# O BRASIL EM FOCO

THOMAS E. LOVEJOY

The H. John Heinz III Center for Science, Economics, and the Environment, 1001 Pennsylvania Avenue NW, Suíte 735 South, Washington, D.C. 20002, U.S.A.  
e-mail: lovejoy@heinzctr.org

O Brasil está em foco em duas iniciativas deste mês de julho de 2005: no Encontro Anual da Sociedade de Biologia da Conservação, que acontece em Brasília, e no Volume 19 (Número 3) da *Conservation Biology* (traduzido na íntegra para o lançamento da revista *Megadiversidade*). O país tem importância fundamental para a biodiversidade do planeta e para o campo da biologia da conservação. Em nenhum outro lugar, as necessidades de proteção da natureza são mais críticas. Para entender isso, é preciso fazer uma breve retrospectiva do ambientalismo brasileiro e refletir sobre seu potencial de conservação, regional e globalmente.

Há cerca de 25 anos, quando me perguntaram porque o World Wildlife Fund (WWF) estava fazendo tanto pelo Brasil, minha resposta foi imediata: “O Brasil corresponde à metade da América do Sul. Antes da definição formal de *hotspots* de biodiversidade ou países de megadiversidade, logo que o termo “diversidade biológica” surgiu, era mais que óbvio que o Brasil tinha uma grande concentração da diversidade de vida da Terra. Como Darwin apontou, o Brasil é “uma grande, selvagem, desordenada e exuberante estufa feita pela natureza para ela mesma”.

Essa afirmação justifica claramente a concentração de esforços de conservação na região. Mas, existia e ainda existe uma questão adicional: o tremendo potencial de liderança da vasta nação brasileira. Os anos seguintes presenciaram um significativo progresso nas lideranças de conservação. O Brasil desenvolveu uma das mais fortes capacidades do mundo em ciência da conservação e os principais avanços nessa área progrediram no meio de forças de destruição horrendas e poderosas. Entre outras coisas, os líderes conservacionistas brasileiros contribuíram com o conceito de um novo tipo de área protegida por meio do estabelecimento das reservas extrativistas. A idéia ganhou força após o assassinato, em 1988, de um líder seringueiro – Chico Mendes. Os conservacionistas brasileiros também tiveram um importante papel no cenário internacional, sendo capazes de sofisticadas negociações em reuniões de cúpula. O exemplo do então Embaixador Marcos Azambuja é revelador. No ano de 1972, em Estocolmo, ele anunciou que o Brasil acolhia a poluição para alcançar o desenvolvimento. Vinte anos mais

tarde, liderou a Eco-92 no Rio de Janeiro, onde os brasileiros assumiram o movimento de defesa do meio ambiente. Foi o Embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, fundador do Departamento de Promoção Comercial do Itamaraty, nos anos 80, quem reconheceu que o Ministério das Relações Exteriores precisava de uma Divisão para lidar com questões ambientais. Ele também negociou para que o Brasil sediasse a Eco-92, o que mudou sua imagem internacional e causou uma profunda e duradoura sensibilização popular com respeito ao tema ambiental. O Brasil colaborou com o Protocolo de Kyoto por meio do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, que prevê formas de comércio de carbono entre nações desenvolvidas e em desenvolvimento.

Nada disso teria sido possível sem algumas bravas lideranças, que trabalharam sem descanso pela solução dos problemas ambientais. O principal dentre eles foi o zoólogo Paulo Nogueira-Neto, que começou como primeiro Secretário para Meio Ambiente com uma equipe de apenas três pessoas. Ele conduziu o desenvolvimento de uma das mais modernas legislações ambientais do mundo e a criação de cerca de 3,2 milhões de hectares de áreas protegidas além de parques nacionais. Ele ficou no cargo por 12 anos e foi apontado por José Goldemberg (outro dos grandes líderes e então reitor da Universidade de São Paulo) como uma pessoa criticada, enquanto estava no cargo, por não ser suficientemente ativa, mas reconhecida logo depois por ter sido, na verdade, muito ativa.

Paulo Nogueira-Neto segue ativo, como também o é sua colega Maria Teresa Jorge Pádua, uma defensora de parques nacionais. Outros pioneiros incluem o primatólogo Ademar Faria Coimbra Filho, José Cândido de Melo Carvalho, da Academia Brasileira de Ciências, e o Almirante Ibsen de Gusmão Câmara, que teve um importante papel na esfera das organizações não-governamentais brasileiras. Muitos outros merecem menção – como o geneticista Warwick Kerr – mas é feita justiça a eles em outras partes desta publicação.

Mais além dessa curta e vibrante história, nós nos perguntamos: quais os destinos do ambientalismo brasileiro a partir daqui, nacional e internacionalmente? A situação no Brasil não é diferente daquela em qualquer outro país:

as sementes já foram plantadas e cultivá-las não é uma tarefa fácil. Os ecossistemas brasileiros são globalmente importantes. A Mata Atlântica, o Pantanal (a maior área úmida da América do Sul), o Cerrado e as áreas costeiras e marinhas apresentam características únicas e têm seus próprios desafios de conservação. A biodiversidade de água doce tem sido particularmente negligenciada.

O desmatamento na Amazônia continua cronicamente elevado, a despeito dos muitos esforços, que incontestavelmente fazem diferença. Novas ameaças como o avanço da agricultura da soja estão trazendo alterações não só pela conversão da floresta em terras agrícolas, mas também pela infra-estrutura associada cujos impactos vão muito além do propósito de facilitar o transporte dos produtos. A China já deixou clara sua disposição em financiar qualquer obra que facilite a entrega de *commodities* de seu interesse. Mais perturbador são os indícios do aumento da vulnerabilidade do sistema, especialmente a susceptibilidade a queimadas mesmo em anos sem El Niño.

Ao mesmo tempo, observamos um considerável progresso. Com a realização dos compromissos do Programa Áreas Protegidas da Amazônia, mais que 40% da Amazônia Legal estarão sob alguma forma de proteção. Isso sem contar a extensão das outras áreas que, como prevê a legislação, devem manter 80% de floresta. Políticos eleitos em vários estados da Amazônia estão engajados com o processo de desenvolvimento sustentável. Mas em alguns estados (particularmente no Pará), a violência permanece, em torno de um conflito de interesses de assentados, sem-terras e o meio ambiente. É necessário ser realmente criativo para lidar com essas situações!

O país está em processo de debate sobre uma questão legítima: os assuntos de conservação podem ir além da alçada do Ministério do Meio Ambiente e de agências ambientais estaduais e tornar-se parte de outras instâncias dos governos estaduais e federal? Uma importante discussão em torno do programa de infra-estrutura, originalmente chamado Avança Brasil, questiona se o eixo de planejamento do governo está realmente disposto a incorporar preocupações ambientais e a conduzir o país com esforços de desenvolvimento sustentável, mais que simplesmente criar áreas protegidas como “boas ações” no final do processo. Esse é o esforço central da atual Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva.

O futuro da biodiversidade regional também depende da posição que o Brasil assumir para além de suas fronteiras. O país já se posicionou de forma construtiva frente ao Paraguai e a Bolívia, evitando repetir alterações hidrológicas mal concebidas, a exemplo do que ocorreu no Pantanal. Nos anos 70, o Brasil iniciou o Tratado de Cooperação Amazônica, que parecia basicamente uma medida defensiva. Sob a presidência de Fernando Henrique Cardoso, o Brasil transformou-se em uma liderança construtiva de desenvolvimento sustentável no Tratado Ama-

zônico. Com a secretaria do Tratado, agora permanentemente sediada em Brasília, sob o comando de Rosalia Ortega (ex vice-presidente do Equador), existe um enorme potencial para que todos os interessados no futuro da Amazônia reúnam forças para apoiar e sustentar a iniciativa.

As parcerias internacionais para a conservação vão requerer um cuidadoso balanço das necessidades nacionais, incluindo as econômicas. O plano de integração e infraestrutura, em escala continental, é um grande desafio. Essa combinação de conexões em transporte, energia e comércio – nascida das compreensíveis necessidades de integração e oportunidades econômicas – não parece, até o momento, considerar os impactos ambientais e sociais de forma adequada. O projeto, em sua íntegra, precisa ser analisado em termos de todos os seus impactos potenciais, mais que examinado por partes, separadamente, como tem sido feito até o momento.

O IIRSA (Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana) menciona a necessidade de planejar não somente as áreas protegidas individualmente mas também a conservação e o manejo dos ecossistemas de forma integrada. Isso é particularmente válido na Amazônia, que possui um ciclo hidrológico dependente da floresta. Diariamente, à medida que o desmatamento avança, o sistema aproxima-se do limiar de uma irreversível seca. O Pantanal – gigantesca esponja que absorve água na estação chuvosa e a libera lentamente na estação seca – também precisa ser manejado como um sistema.

Enquanto eu escrevo este texto, uma reprise trágica da história de Chico Mendes está acontecendo. As grandes tensões entre proprietários de terras, sem-terras e necessidades ambientais culminaram com o assassinato de uma freira de 74 anos - Dorothy Stang. O conflito ganhou, agora, uma nova face humana. As regras para os cortes de árvores, anteriormente relaxadas, foram restauradas, a criação de novas áreas protegidas tornou-se alta prioridade e dois mil soldados foram mandados para a região de conflito no estado do Pará. Estamos em meio a uma competição entre as forças da destruição e as forças da conservação?

A Sociedade para Biologia da Conservação reúne-se em Brasília num momento crítico da história do Brasil e do meio ambiente. Estes também são momentos cruciais para o futuro de sua extraordinária biodiversidade. O país está preparado para fazer uma diferença maior que qualquer outro da América do Sul no futuro do Tratado Amazônico. Ele pode mudar a escala do trabalho de conservação ao longo de todo o continente sul-americano. Há tantos executores e idealizadores quantos podem ser encontrados em qualquer lugar, e eles estão atuando em um drama de conservação monumental. O Brasil pode trazer uma contribuição profunda e positiva para o meio ambiente mundial. Compete a nós apoiar a transformação desse potencial em realidade.